

## **MORTALIDADE NEONATAL POR ETNIA: UMA ANÁLISE EM MINAS GERAIS ENTRE 2009 E 2019**

No Brasil hodierno, a desigualdade racial é uma realidade que afeta sobretudo a população negra e indígena, de modo que as crianças dessa etnia são as mais expostas a condições de carência e de desnutrição. Tendo em vista que os óbitos neonatais são a maior causa de morte de crianças de até um ano de idade, vê-se necessária uma análise aprofundada dos fatores que poderiam influenciar na perda de tantas vidas (LANSKY, 2008). Nesse sentido, este trabalho buscou explorar, através de dados disponibilizados no Datasus, a etnia como um fator de risco para mortes de crianças do momento de nascimento até o 27 dia de vida. Para tanto, a amostra utilizada abrangeu a região de Minas Gerais entre os anos 2009 e 2019.

Existem ainda, como consequências paralelas da desigualdade racial, outros empecilhos como o fato de que uma quantidade considerável de crianças, cerca de 3147 tiveram sua etnia ignorada durante o registro de óbito, o que representa cerca de 12,8% dos óbitos nesse período, enquanto a etnia é ignorada em apenas 5,9% dos casos no registro de nascidos vivos, assim por consequência houve uma diminuição dos índices de mortalidade por etnia. O índice geral de mortalidade neonatal em Minas Gerais, no período pesquisado, foi de 8,61 crianças a cada mil, e com base nos dados encontrados no Datasus, esse índice de mortalidade em crianças indígenas chega a 13,57, sendo assim cerca de 1,5 vezes maior do

que as chances de óbito de crianças de outras etnias.

Portanto, é evidente que a falta de registros de etnia na certidão de óbito, devido a diversas questões, como fatores sociais, econômicos e geográficos, torna a obtenção de dados uma tarefa difícil. Contudo, apesar da limitante, é notável o prevalente alto grau de mortalidade neonatal na população indígena.